

Lorenz HOFER. Sprachwandel im städtischen Dialektrepertoire. Eine variationslinguistische Untersuchung am Beispiel des Baseldeutschen. Tübingen: A. Francke Verlag 1997 (*Basler Studien zur deutschen Sprache und Literatur* 72, xiv + 306 pág., DM 68,00, ISBN 3-7720-2671-0)

Este livro, que é na verdade a tese de doutorado de Lorenz HOFER, trata do problema da mudança dos padrões lingüísticos de uma área dialetal específica do alemão suíço, a saber, a região de Basel. É dividido em duas partes: a primeira contém a base teórica e o método utilizados pelo autor, a segunda analisa o *corpus* do dialeto de Basel. Quanto à parte teórica, citem-se aqui os títulos de alguns capítulos e subcapítulos: *Sobre a relação entre língua e idioleto, Variação lingüística e psicologia individual, Variação estilística, Divulgação espacial e social dos neologismos, Variação lingüística entre os jovens, Problemas de operacionalização e apresentação dos corpora lingüísticos* etc. Quanto à segunda parte, discorre-se sobre a variação sonora, o vocalismo e o consonantismo do dialeto, a variação morfofonológica, entre outros assuntos descritivos. O último subcapítulo retrata as reações subjetivas dos falantes, sobretudo a valoração das variedades por faixa etária. O livro, além de ser um ótimo exemplo de como fazer sociolingüística, fornece material teórico suficiente para uma aplicação na língua portuguesa.

HOFER surpreende desde o início com sua preocupação em dar um retrato real da vitalidade lingüística da região, nem que para isso precise chegar às minudências da descrição dos idioletos de entrevistados. Armado de forte aparato teórico, o livro dedica exatas 134 páginas de definições, discussões, informações gerais e outros esclarecimentos. As vantagens de tal preparação exaustiva são evidentes: elimina-se a ambigüidade indesejável muito freqüente em descrições de dialetos, muitas vezes de cunho puramente impressionista (cf. SUTER 1992: 151), uma vez que o leitor encontrará uma grande precisão nos conceitos teóricos. Con-

tudo, a exemplificação de HOFER ao longo dessas páginas é mínima e a certa altura, o leitor se vê em discussões (muito pertinentes, diga-se de passagem) sobre qual modelo ou teste se adapta melhor a tal circunstância, perdendo, por conseguinte, a dimensão objetiva do dialeto de Basel, a que o livro se propõe. Outra desvantagem dessa rígida bipartição teoria *versus* prática está também nos capítulos em que se propõe uma descrição acurada do *corpus*: é preciso sempre voltar aos capítulos teóricos para lembrar qual conceito foi escolhido após a longa discussão apresentada na primeira parte. A utilização de mais remissões, um pequeno glossário e/ou mesmo uma sinopse na primeira parte do livro resolveriam esse problema, assim como o uso de mais tabelas, como as que aparecem por todo o livro (cf. a excelente esquematização que contrapõe *Fortisierung* e *Lenisierung*, p. 44).

Sabe-se que não é possível fazer diacronia sem uma exaustiva descrição sincrônica não apenas sob modelo estruturalista, mas também sob uma visão sociolingüística (tanto para o caso da língua padrão quanto para as inúmeras variantes não-padrão). Em Basel, há inegavelmente um substrato particular, arcaizante, que tem uma valoração pejorativa, sobretudo do ponto de vista dos jovens (p. 255). O dialeto local sofre um nivelamento fonético com a koiné suíça *Schwyzerdütsch*, ao mesmo tempo que lexicalmente está muito permeável ao alemão oficial e aos estrangeirismos (sobretudo entre os mais jovens, p. 68).

O autor, no entanto, mostra-se bastante cético em relação à ideologia que apregoa o dialeto local puro (p. 60), a partir do qual se dá o nivelamento, uma vez que caracteriza seis variantes, baseadas em características fonéticas e morfológicas (p. 252). Atribui essa diversidade à própria situação de “cidade grande”, polarizadora de variação (p. 66-67). O processo de abandono de uma série de peculiaridades locais arcaicas em detrimento de outras, suprarregionais, é demonstrado por HOFER de maneira muito clara, passo a passo. Para tal, apoia-se sobretudo no fator idade, uma vez que outros fatores: sexo, profissão, escolaridade dizem menos nas estatísticas que levanta (p. 204-207). O uso do *Baseldytsch* se circunscreve quase como uma língua alienígena para os próprios mora-

dores da região, mas está ligado estreitamente à tradicional *Fasnacht* (p. 207). No entanto, é frustrante quando se constata que o *Baseldytsch* não é descrito no livro de HOFER, mas remetido ao trabalho doutro autor, SUTER (1995), ou ao *Sprachatlas der deutschen Schweiz*. Outra variante, o *Baselbieterdeutsch*, de Gelterkinden, região a 25 km. de Basel, tampouco tem caracterização lingüística (p. 252).

Particularmente louvável no trabalho de HOFER é o abandono da noção do “falante ideal”, que muitas vezes falseia a realidade lingüística da região em estudo, em prol de um trabalho pretensamente arqueológico de resgate da “antiga variante”, que seria, nos modelos do séc. XIX, a mais pura. Os entrevistados variam de 11 a 62 anos e às vezes são bilíngües desde a infância (p. 108). Por outro lado, por causa dessa variação etária, o número de entrevistados é muito pequeno e, portanto, pouco representativo para uma visualização das variedades, assim como para as generalizações de suas conclusões, mesmo apoiadas em testes matemáticos minuciosos. Por exemplo, para se estudar a terminação *-ere* do feminino, usam-se apenas oito informantes que a utilizam, ainda assim, esporadicamente (p. 183). No entanto, tais generalizações não são necessariamente falsas uma vez que contam com a intuição do pesquisador, que dirige sempre qual teste é mais adequado, quais fatores devem e quais não devem ser levados em conta em tal ou qual parâmetro específico a ser analisado. Essa heterogeneidade de parâmetros poderia parecer ser usada *ad hoc* pelo autor e facilmente seria objeto de crítica, mas evita uma exaustividade que redundaria em resultados pouco significativos. Um exemplo: para entender a variação do *k-* inicial, leva-se em conta o fonema que o segue (vogal, *l*, *r*) e a primeira atestação da palavra e procede-se a uma lematização (p. 166 seg.). Para outros fenômenos, como o arredondamento (*Entrundung*) do *üe*, procede-se também à uma lematização e o contexto fônico é desprezado (p. 146 seg.). Para o *r*, entretanto, a lematização não é significativa (p. 173). Para a maioria dos outros fonemas, enfim, nenhum dos procedimentos é usado, a não ser o fator idade.

Nesse ponto, a minha opinião é que HOFER, novamente, foi feliz. Feliz quanto ao uso desse expediente, mas infeliz às vezes no *input* de

dados, senão vejamos: entre alguns desses fatores, HOFER tem uma predileção pelo fator histórico. No entanto, a transmissão histórica nunca é retilínea, como os próprios sociolinguistas podem atestar. Na época do antigo alto alemão ou do médio alto alemão, a diversidade dialetal e sociolinguística era imensa. Porém HOFER cria um paradoxo: diante da heterogeneidade sincrônica e atual de Basel, idealiza uma homogeneidade sincrônica antiga ou uma transmissão retilínea quando assume como parâmetro a consoante *k* em início de sílaba (p. 167; contudo descreve uma mobilidade populacional em séculos anteriores, como se pode ler nas p. 104-105). Pergunto-me como trabalhar com esses dados históricos em relação à diferença significativa que há no *r* (uvular/apical; cf. p. 170 seg.). Também há uma argumentação contraditória a respeito do *u* centralizado (p. 154-155): a palatalização do *u* > *ü* (na verdade, não [y] mas um [u] centralizado) foi possível, para HOFER, porque “se abriu uma janela” no sistema de fonemas, após *ü* > *i*. Em outras palavras: *u* passou a *ü* só porque o *ü* original se transformou em *i*, evitando, assim, o perigo de convergência. Se é verdade que o sistema de vogais anteriores se estabilizou com essa “migração fonológica”, por outro lado, *ö* > *e*, sem que houvesse um *o* centralizado (p. 142). Ou seja, o sistema de vogais posteriores tornar-se-ia tão instável quanto era o das vogais anteriores: abriram-se janelas na região posterior. Por outro lado, essa migração seria possível mesmo com a convergência de fonemas, como o próprio HOFER indica: em *Baseldeutsch*, a palavra *oobe* é uma forma convergente, que no alemão oficial equivale tanto a *oben* como a *Abend* (p. 151). Outro fato interessante é que a cidade de Basel tem um *kh* em lugar de um *kx* ou *x*, que é característico da região de Basel (p. 159). Também o princípio da “maioria” não pode determinar se a direção da mudança foi *k* > *x* ou *x* > *k* (p. 223), no entanto, HOFER aposta na segunda forma (p. 229), embora, pelo mesmo princípio da maioria, haja visto não só a segunda rotação consonantal germânica, mas também a tendência indo-européia, atestada em toda parte é *plosiva* > *fricativa*. Causam espanto empréstimos como o famoso *meli kelikimaka*, do havaiano, que é um empréstimo do inglês *merry Christmas*, pelo fato de uma fricativa se tornar plosiva: *s* > *k*. Essa direção inversa distancia-se da deriva indo-européia, como bem atestam

exemplos contrários, em que há atestados substratos não-indo-europeus. Também é questionável a paragoge em casos como *sin* > *sind* ou a epêntese em *myys* > *myyns*, que é posto lado a lado de outros, mais difíceis de entender como *nochhär* > *nochhät* ou *niemer* > *niemerts* (p. 229). Reduções misteriosas como *waarschynlich* > *waarschyynds* talvez tivessem explicação histórica. Enfim, por que partir de uma “forma ideal” para se chegar a uma forma truncada, alargada ou modificada? No mesmo estudo sobre o fonema *n*, estão casos muito díspares como a palavra *uns*, que é tida como “influência da língua padrão”, ao lado de *friener* (oficial *früher*), com um *-n-* separador de hiatos, muitíssimo característico das variantes suíças (p. 176). O termo “dissimilação” para a mudança *äi* > *ay* também parece inadequado (p. 230). Também as formas *e liebs khind* e *e lieb khind* antes parecem variantes *morfofossintáticas* do que *morfofonológicas* (p. 178).

Há, ainda, contradição na obra de HOFER, ao se entender a mera descrição como uma redução (p. 137), apesar de assumir objetividade para os dados históricos que, na verdade, deveriam ser relativizados tanto quanto os dados coletados em seu *corpus*. Por outro lado, HOFER discute a distinção fonética *versus* fonologia, bastante tênue, aliás, desde a primeira edição do IPA e, atualmente, abolida por muitos autores (p. 136), permitindo-o trabalhar com dados não-fonológicos, como o já citado *entstülptes u* ou com a aspiração (p. 228-229). No entanto outros fatores tradicionalmente não-fonológicos para os dialetos suíços não são, obviamente, levados em conta (tons, tensão das consoantes, palatalização, faringalização, clicks etc.). A notação utilizada não é das melhores, não deixando de ser um pouco “impressionista”. Como entender > *l*, um *l* reduzido (p. xii) ou um *l* palatalizado (p. 226)? E que vem a ser exatamente um > *u*? Um *u* centralizado? (p. 227).

Outra dificuldade é a interpretação dos símbolos utilizados nas tabelas: eles têm a forma (X)Y, sendo X um número muito grande de variantes e Y=I (*Interview*, entrevista); F (*freies Gespräch*, conversa livre), E (*Erzählen*, narrativa), etc. como são explicado nas páginas 127 a 129 e depois apenas retomados *en passant* a partir da página 140. Como

não há resumo que explique esses símbolos, o leitor tem de procurar por todo o livro as definições, principalmente quando quiser entender as tabelas da página 209 e os apêndices das páginas 303 a 306, onde aparecem (ENTR)IO; (DEHN)I; (IE)F. Pior, no entanto, é quando aparece o símbolo (BY)IO sem qualquer explicação, na página 194: o leitor terá de aguardar até a página 252 para entendê-lo. O mesmo ocorre com (SCHIB)IO, que também aparece na página 194, mas a explicação só virá na página 201.

Excetuados esses pequenos problemas, a visualização da realidade lingüística de Basel é caracterizada de maneira exemplar por HOFER. À guisa de uma conclusão, poder-se-ia dizer que o grande mérito do trabalho de HOFER é a apresentação de um livro que demonstra ser possível trabalhar seriamente o problema da mudança de normas lingüística, essencial para o entendimento dos estudos diacrônicos. No Brasil, a bibliografia sobre a língua portuguesa está extremamente carente de trabalhos de sociolingüística que avaliem a mudança dos padrões lingüísticos de uma determinada região. Normalmente, para o português, há apenas descrições, sobretudo fonéticas, dos falares num nível “puro”, sem que se admitam os problemas da interferência, da coexistência e da mudança dos mesmos falares. Acresçam-se aos méritos de HOFER não só a intensa preocupação formal, demonstrada a cada passo pelo uso de estruturas matemáticas, mas também o trabalho com os estereótipos (definidos na p. 81) para a avaliação das seis variedades, por faixa etária (p. 259 seg.), que, em última instância, profetizam o destino dessas normas e, indiretamente, o dos metaplasmos envolvidos nela, mostrando assim, contrariamente ao que ainda pensam muitos neogramáticos contemporâneos, que a mudança fonética é a mais fácil de ser analisada, diacronicamente. Podem ter razão, quando se compara o imenso volume de fonética histórica ao lado da irrisória bibliografia sobre semântica diacrônica, no entanto, o estudo dessas variantes fonéticas tem sido feita de maneira simplista, não só pelas informações indiretas que os textos de outros séculos nos fornecem, mas também pela visão retilínea da idéia de mudança, que vem sendo abalada pelos estudos de sociolingüística. Assim, o leitor bra-

sileiro encontrará, no trabalho de HOFER, no entanto, um precioso manual de como fazer sociolingüística na prática. Nele não achará apenas uma descrição ou uma análise dos dados, mas também os efeitos práticos da valoração subjetiva dos falantes sobre uma determinada variante. Todos esses fatores apontam para o processo da mudança, que como se sabe, é a base dos estudos diacrônicos. Para os estudos das variantes do português tudo ainda se está por ser feito nessa área da sociolingüística, para que se possa entender a história de uma língua.

Referências bibliográficas

- BAUMGARTNER, Heinrich & Rudolf HOTZENKÖCHERLE (org.). *Sprachatlas der deutschen Schweiz*. Bern, Francke, 1962-1996.
- SUTER, Rudolf. *Baseldeutsch-Grammatik*. Basel, Christoph Merian, 1992.
- SUTER, Rudolf. *Baseldeutsch-Wörterbuch*. Basel, Christoph Merian, 1995.

Mário Eduardo Viaro, pós-graduando
Área de Filologia Românica
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP